

Arte, gênero, movimento estudantil: experiências com ocupação e pintura de murais

Silmara Peixoto Moreira

*Licenciada em Sociologia pela Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
lanaisilmara@gmail.com*

Francisco Vitor Macedo Pereira

*Francisco Vitor Macedo Pereira
Doutor em Filosofia Prática pela Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE
Professor na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira – UNILAB
vitor@unilab.edu.br*

Resumo

Este artigo consiste em um relato de experiências com dois trabalhos artísticos sobre a diversidade das mulheres na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Inicialmente, as experiências com pinturas e desenhos em paredes – conhecidos como *muralismo* – deram-se na ocupação da UNILAB, em 2016, ocasião na qual se realizou uma intervenção artística na sala dos professores. Por incentivo e ajuda de outros estudantes, os autores deste artigo elaboraram seu primeiro painel – que significa, em nossa leitura, o rosto da UNILAB em sua proposta de integração de culturas e diversidades. Por conseguinte, nosso segundo painel surgiu em 2018, em formato de trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura em Sociologia. Sob a perspectiva da luta pela igualdade de gênero, enfatizamos a importância de valorizar e fortalecer politicamente as expressões artísticas feministas em suas lutas e resistências, com vistas a alcançar maior justiça e igualdade social – em sentido contrário a todas as formas de dominação histórica dos homens sobre as mulheres.

Palavras-chave arte; muralismo; mulheres; ocupação estudantil.

Conhecer: debate entre o público e o privado

2019, Vol. 09, nº 23

ISSN 2238-0426

DOI 10.32335/2238-0426.2019.9.23.1122

Licença Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0)

Data de submissão 25 fev 19

Data de publicação 01 ago 19

Art, gender, student movement: experiences with occupation and mural painting

Abstract

This article consists in a report of experiences with two artistic works on the diversity of women at the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). Initially, experiences with paintings and drawings on the walls – known as mural painting – took place during the UNILAB's occupation, in 2016, occasion in which an artistic intervention was conducted in the teachers' room. Through encouragement and support from other students, the authors of this article produced their first panel – which means, according to our reading, the UNILAB's face in its proposal to interconnect cultures and diversities. Consequently, our second panel emerged in 2018, in the form of a course conclusion monograph (trabalho de conclusão de curso – TCC) to achieve a Licentiate Degree in Sociology. From the perspective of gender equality struggle, we emphasize the importance of politically appreciating and strengthening feminist artistic expressions in their struggles and resistance, with a view to achieving greater social justice and social equality – contrary to all forms of historical domination of men over women.

Key words art; mural painting; women; student occupation.

Arte, género, movimiento estudiantil: experiencias con ocupación y pintura de murales

Resumen

Este artículo consiste en un informe de experiencias con dos obras artísticas acerca de la diversidad de las mujeres en la Universidad de Integración Internacional de la Lusofonía Afro-Brasileña (UNILAB). Inicialmente, las experiencias con pinturas y dibujos en paredes – conocidos como *muralismo* – tuvieron lugar durante la ocupación de la UNILAB, en 2016, ocasión en que se llevó a cabo una intervención artística en la sala de profesores. Mediante incentivo y apoyo de otros estudiantes, los autores de este artículo elaboraron su primer panel – lo que significa, según nuestra lectura, el rostro de la UNILAB en su propuesta de integración de culturas y diversidades. En consecuencia, nuestro segundo panel surgió en 2018, en forma de una monografía de conclusión de curso (trabalho de conclusão de curso – TCC) para obtener una Licenciatura en Sociología. Bajo la perspectiva de la lucha por la igualdad de género, enfatizamos la importancia de valorar y fortalecer políticamente las expresiones artísticas feministas en sus luchas y resistencias, con miras a alcanzar mayor justicia e igualdad social – en sentido contrario a todas las formas de dominación histórica de los hombres sobre las mujeres.

Palabras clave arte; muralismo; mujeres; ocupación estudiantil.

Art, genre, mouvement étudiant: expériences d'occupation et de peinture murale

Résumé

Cet article consiste en un compte-rendu des expériences de deux œuvres artistiques sur la diversité des femmes à l'Université d'Intégration Internationale de la Lusophonie Afro-Brésilienne (UNILAB). Initialement, des expériences avec des peintures et des dessins sur les murs – connues sous le nom de *peinture murale* – ont eu lieu pendant l'occupation d'UNILAB, en 2016, à l'occasion d'une intervention artistique dans la salle des professeurs. Par l'encouragement et le soutien d'autres étudiants, les auteurs de cet article ont produit leur premier panel – ce qui signifie, selon nos lectures, le visage d'UNILAB dans sa proposition d'intégration des cultures et des diversités. En conséquence, notre deuxième panel a vu le jour en 2018, sous la forme d'un travail de fin d'études (trabalho de conclusão de curso – TCC) du Baccalauréat en Sociologie. Dans la perspective de la lutte pour l'égalité des genres, nous soulignons l'importance de valoriser et de renforcer politiquement les expressions artistiques féministes dans leurs luttes et leurs résistances, en vue de parvenir à une plus grande justice sociale et à une plus grande égalité sociale – contrairement à toutes les formes de domination historique des hommes sur les femmes.

Mots-clés art; peinture murale; femmes; occupation d'étudiant.

Introdução

Os muralismos produzidos pelos autores deste artigo no *campus* da Liberdade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), em Redenção-CE, em 2016 e 2018, correspondem a trabalhos artísticos que apresentam a diversidade das mulheres na UNILAB. Inicialmente, as experiências com pinturas e desenhos em paredes decorreram da ocupação estudantil da instituição, em 2016. Academicamente, mediante nosso engajamento e nossas experiências com a temática *gênero e sexualidades*, no Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS), da UNILAB, também tivemos a oportunidade de produzir diversos outros grafites e murais de pequeno porte.

No que tange às atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária relativas a essas temáticas de gênero e sexualidades, o NPGS sempre esteve pautado pelo compromisso ético-político de atuação no combate a todas as formas de violência, opressão, dominação, exploração, preconceito e discriminação contra as mulheres e as demais minorias sexuais. Em interface com os recortes etnicorraciais e de classe, e em consonância interseccional com as diversas políticas públicas e institucionais de ações afirmativas, o NPGS atuou, de 2013 até o final de 2018, promovendo o debate, o engajamento e as parcerias no enfrentamento de todos os machismos estruturantes em nossa sociedade.

Toda essa movimentação ensejou a agência e a organização sistemática de muitas intervenções, também sob a forma de arte-ativismo – em denúncia de abusos, violências, injustiças e desigualdades, tanto dentro como fora da universidade. Ao longo de sua atuação, o NPGS sempre teve por objetivo promover ações estratégicas e educativas, centradas na reestruturação equânime de relações em que se evidenciam exclusões,

discriminações e/ou preconceitos de gênero, raça, etnia, sexualidade, origem, condição socioeconômica, diferença linguística etc. Para tanto, diversas ações e expressões artísticas – grafites, oficinas cartazes, saraus, manifestações – foram postas em prática ao longo dos 5 anos de atividades do NPGS.

Entretanto, por divergências institucionais, no final de 2018, o NPGS foi desvinculado da coordenação da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROPAAE) da UNILAB e está reestruturando-se como Centro de Pesquisas Interdisciplinares em Gênero (CIEG Dandara). Desde a reunião de sua fundação, em janeiro de 2019, seu foco é a memória das lutas e das resistências de mulheres negras e travestis, de todas aquelas que sofreram e vêm sofrendo violência e abuso de todos os tipos, muitas delas assassinadas¹ pelo patriarcado em decorrência da misoginia vigente desde nossa mais remota história até o tempo presente.

Em sinergia com nossa atuação e militância nessas questões de gênero, o painel artístico, finalizado em 2018, foi precisamente pensado como trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura em Sociologia. A ideia sempre foi/é expressar-se ou intervir artisticamente nos espaços da universidade – de modo a demonstrar a diversidade das mulheres na UNILAB e a necessidade da promoção de seu empoderamento diante de todas as formas de violência e desigualdade de gênero que persistem no espaço universitário.

A ideia de elaborar o segundo muralismo como proposta de TCC surgiu após a primeira reunião do Núcleo Unificado de Mulheres da UNILAB (NUMU), criado em março de 2018. Esse novo núcleo – específico para os coletivos de mulheres – segue na ativa e é constituído por diversos segmentos de movimentos feministas e, inclusive, pelas mulheres que participaram do NPGS, em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária. Na verdade, o NUMU foi pensado para a ação direta de intervenções feministas, dentro da universidade e também em seu entorno, justamente para o enfrentamento dos machismos e das várias formas estruturais de opressão de gênero – sofridos cotidianamente pelas mulheres, tanto na academia quanto na sociedade.

Já havíamos decidido dar continuidade à ideia de usar a pintura como expressão de resistência às violências de gênero e, ainda, como forma de valorização e de visibilização da diversidade das mulheres na UNILAB – uma vez que ambos os painéis elaborados retratam mulheres de diferentes etnias, estéticas, identidades, sexualidades, culturas e tradições. Então, para o segundo painel, optamos pelo pátio no *campus* da Liberdade. O propósito do trabalho foi realizar uma nova intervenção artística de afirmação, de visibilização e de protagonismo feminista.

¹ Referência a Dandara dos Palmares, lendária mulher negra, aguerrida quilombola da Serra da Barriga (atual Estado de Alagoas), companheira de Zumbi, com quem teria tido 3 filhos. Após ter sido capturada pelo Exército Imperial, em cerco ao Quilombo dos Palmares, suicidou-se – ela se jogou de uma pedra, em fevereiro de 1694, para não voltar a ser escravizada. Além dela, também nos referimos a Dandara dos Santos (1975-2017), travesti da periferia de Fortaleza-CE, brutal e covardemente assassinada em 15 de novembro de 2017, por agressores nomeadamente transfóbicos (Portal Vermelho, 2019).

No local escolhido já existia um painel de madeira – ali colocado pela instituição para que as pessoas afixassem avisos, panfletos e cartazes. Pensamos, então, que seria uma grande oportunidade para ocupá-lo e redesigná-lo – de modo a nele realizar uma intervenção com impacto artístico. Por intermédio do muralismo, poderíamos unir ali, em uma única composição, as mais diversas experiências das mulheres que trabalham e estudam na UNILAB. Diante daquela arte, elas poderiam identificar-se e fortalecer-se de alguma forma diante desse espaço institucional de persistente desigualdade e violência de gênero².

Feminizando o movimento estudantil e ocupando os muros da universidade

A UNILAB nasceu há 9 anos (Lei n. 12.289, 2010), com base nos princípios da cooperação internacional solidária, sob a perspectiva das epistemologias decoloniais do Sul³ e alinhada à integração específica com o continente africano, principalmente com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Ademais, sua proposta passa pela interiorização do Ensino Superior público no Nordeste, em áreas estratégicas de promoção do desenvolvimento econômico e social, com baixos índices de desenvolvimento humano (IDH) e de escolarização – notadamente o Maciço de Baturité (Ceará) e o Recôncavo Baiano⁴.

2 De fato, inúmeras e recorrentes têm sido as incidências de agressão e de violência contra as mulheres no âmbito da UNILAB. Apesar da curta história da instituição (menos de 9 anos desde sua criação), infelizmente, não faltam casos de estupro, de tentativa de feminicídio e de diversos outros tipos de ataque, alguns bem graves, dentro dos *campi* universitários. Muitos desses casos foram acompanhados e denunciados pelo NPGS, inclusive mediante a elaboração de dossiês – encaminhados à PROPAE da UNILAB e à própria Reitoria da UNILAB até o ano de 2016. Em seu atendimento a algumas dessas vítimas de violência, bem como em sua militância, o NPGS nunca deixou de demandar da universidade que os agressores fossem punidos e que fosse criado um fluxo de atendimento e de encaminhamento específico para o reestabelecimento dessas vítimas dentro da instituição. Entretanto, essa atenção especial às vítimas de violência de gênero nunca foi suficientemente providenciada pela UNILAB. Por outro lado, nenhum dos agressores, corajosamente denunciados por suas vítimas – alguns deles indiciados e processados judicialmente –, sofreu qualquer tipo de reprimenda mais séria da instituição, tendo seguido normalmente seus percursos acadêmicos, como se nada tivessem cometido. A cultura de silenciamento das vítimas e de apagamento da violência e opressão de gênero parece persistir na UNILAB, além – óbvio – dos machismos estruturantes, que rotineiramente perpassam as relações políticas, acadêmicas, institucionais e burocráticas da universidade (O Portal de Notícias da Globo [G1], 2016, 2017).

3 Por *epistemologias do Sul* e *decolonialidade* entendem-se os esforços de diversos teóricos e metodólogos, notadamente de Boaventura de Sousa Santos (2005, 2008), no sentido de agenciar, desde o que se convém denominar de *Sul global*, novas e diversificadas perspectivas, visões e ações – de emancipação e de desenvolvimento social, político e econômico: para a superação histórica de hegemonias e hierarquias científicas, tecnológicas e ideológicas, características da ingerência e da dominação do sistema mundo moderno, especificamente dos então países ocidentais globais *do norte* sobre suas ex-colônias *do Sul*.

4 De acordo com os mais recentes levantamentos do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE, 2016), a microrregião do Maciço de Baturité é, proporcionalmente ao seu número de habitantes (em torno de 250.000 pessoas), umas das que detêm os menores IDH do Estado do Ceará. Composta pelos municípios de Baturité, Pacoti, Palmácia,

Além de sua proposta de cooperação internacional Sul-Sul e de interiorização do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, a UNILAB também está compromissada com a valorização e a promoção da interculturalidade, da cidadania e da democracia – junto às diversas sociedades, tradições e realidades com as quais atua. Como evidência disso, em maio de 2018, a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UNILAB abriu um processo seletivo para o ingresso de estudantes quilombolas e indígenas nos cursos de graduação presencial ofertados nos *campi* do Ceará e da Bahia, validando seu projeto para que o conhecimento produzido no contexto de integração acadêmica seja capaz de converter-se em políticas públicas de superação/reparação das diversas desigualdades estruturais em nossa sociedade.

No entanto, as ameaças de retrocesso e de impedimento à concretização do projeto de integração da UNILAB não vêm de hoje. Em virtude disso, por fatores externos e internos, ocupamos – os estudantes brasileiros e estrangeiros, unidos, organizados e mobilizados –, em outubro de 2016, os três *campi* no Ceará. Essa ocupação se deu após o golpe midiático-jurídico-parlamentar desferido com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – algo que aprofundou ainda mais a precarização da educação pública e dos programas de assistência estudantil para estudantes em real situação de pobreza e vulnerabilidade social.

Estávamos, então, empenhados em construir uma luta coletiva de resistência contra a aprovação das medidas reacionárias e retrógradas do governo ilegítimo e da reitoria *pro tempore* da UNILAB – que ameaçavam a política de assistência estudantil com cortes, restrições e atrasos, de modo a afetar diretamente a permanência dos estudantes da classe pobre, trabalhadora, mais especificamente das mulheres, dos estudantes negros, estrangeiros e das demais minorias historicamente marginalizadas de nossa sociedade na universidade pública.

Na ocasião, criamos uma agenda de mobilizações e de atividades – que culminaram na realização do Congresso Estudantil da UNILAB, realizado em 16 de novembro de 2016.

Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Redenção, Acarape, Barreira, Guaiúba e Ocara, a região apresenta históricos problemas estruturais, fortemente associados à sua estagnação econômica – desde o declínio da produção das lavouras de café, ainda no começo do século XX. Não há, ainda hoje, um planejamento estratégico para o desenvolvimento social e econômico da região, que integre todos os seus municípios, não há acesso adequado aos serviços essenciais de saúde e saneamento básico, o aproveitamento das escolas em indicadores como o índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) fica em uma média bem abaixo das demais regiões do estado – 4,6. Igualmente, não há políticas públicas de promoção social da juventude nem de geração de renda e oportunidades, além do que, nos últimos anos, toda a população tem-se visto refém da violência de facções criminosas, que tomaram conta da região, vulnerabilizando ainda mais a juventude. O acesso ao Ensino Superior era praticamente inexistente antes da chegada da UNILAB, em 2010. No que toca às políticas de promoção da igualdade de gênero e de combate às violências contra a mulher, toda a região não conta com nenhum serviço nem delegacia especializada, sendo recorrentes os casos de agressões, abusos, violências e mesmo de feminicídios, fomentados pela impunidade dos agressores e pela cultura de silenciamento das vítimas. Em relação à região do Recôncavo Baiano, a despeito das altas arrecadações tributárias aos cofres públicos, oriundas da produção de petróleo e das indústrias instaladas – notadamente no Município de São Francisco do Conde, onde está instalado o *campus* fora de sede da UNILAB –, as condições de pobreza, desigualdade social e violência da população não diferem muito das do Maciço de Baturité (Portal São Francisco, 2019).

Foram, então, três longos dias de trabalhos, discussões e negociações com a reitoria *pro tempore*, sem que quaisquer garantias de manutenção das políticas de assistência estudantil nos fossem dadas. O resultado foi a deflagração da greve pelos estudantes e a continuação da ocupação de todos os *campi* da UNILAB – dali estendida ao *campus* dos Malês, na Bahia.

Foi justamente durante esses dias de greve e de ocupação estudantil dos *campi* que realizamos nossa primeira grande intervenção artística – em uma parede da sala dos professores no *campus* da Liberdade. Diante de inúmeros incentivos e sempre contando com a ajuda de outros estudantes, compusemos esse primeiro painel de maiores proporções – ao longo de quase 3 semanas de trabalho. Trata-se de intervenção muralista que, em nossa leitura, representa o rosto diverso da universidade – mediante sua proposta de integração entre diversas culturas e diferentes etnias.

O painel, com dimensão de 3,10 m x 2,73 m, foi pintado sob a inspiração de nossas então mais recentes experiências de ativismo e afetividade, vividas – no total – ao longo dos quase 60 dias de resistência e de luta durante a ocupação da UNILAB. O grupo de discentes que estava à frente dessa ocupação no *campus* da Liberdade consistia, em sua maioria, em mulheres negras, lésbicas e bissexuais, além de gays e simpatizantes.

Como expressão representativa de nosso movimento estudantil – notadamente lésbico e feminista – e da própria vida das estudantes na universidade, busquei retratar *afetiva e especificamente* a diversidade das mulheres não brancas presentes em nossa instituição. Depois de finalizada a ocupação, quase todos os estudantes que participaram fizeram questão de registrar uma foto em frente ao painel – pois, para eles, tal intervenção artística, como símbolo de nossa luta, passou a ser motivo de muito orgulho e de ainda mais incentivo à luta e à resistência estudantil.

Figura 1 Painel “A Diversidade das Mulheres na UNILAB” (2016)



Fonte: Elaborada pelos autores.

Durante a pintura desse painel, muitas foram as madrugadas conversando e conhecendo as histórias de vida das estudantes, de modo que nos identificávamos cada vez mais com suas trajetórias, com a coragem e com a inventividade – mediante as quais elas agenciavam suas estratégias e modos vitais: em enfrentamento às diversas imposições patriarcais, às violências e às desigualdades de gênero que se reproduzem – de modo estrutural – nos dois lados do Atlântico.

As histórias compartilhadas, em especial das estudantes da classe trabalhadora, das negras estrangeiras e das feministas lésbicas dessa instituição, foram imprimindo em nossa percepção artística o encantamento e a crítica – necessários ao questionamento e ao enfrentamento, não apenas do capitalismo e do machismo, mas também do racismo e da lesbofobia – que enfeixam as estruturas das diversas violências, injustiças e desigualdades (de gênero, de raça e de classe) em nosso dia a dia, dentro e fora da universidade.

A despeito de todas as violências que lhes foram infligidas, ao longo de suas múltiplas trajetórias de vida, nenhuma de nossas interlocutoras – conosco e com nossa arte – deixava de acreditar ser possível a transformação da realidade: por intermédio de agências, lutas e ações coletivas, as quais conscientizem e informem – interseccionalmente – todas as mulheres sobre a necessidade de seu empoderamento, contra a persistência dos expedientes e dos dispositivos de dominação do patriarcado em nossa sociedade.

Para elas, a ocupação – como também passou a ser para nós –, não era uma *opção*, mas uma iminente *necessidade*. A fim de permanecer na UNILAB e nos precários arredores de Redenção e de Acarape, a grande maioria dos estudantes – brasileiros e estrangeiros – depende das políticas de assistência estudantil. No entanto, o pagamento dos auxílios tem sido invariavelmente contingenciado e toda a assistência institucional aos estudantes segue sistematicamente ameaçada por sucessivos reitores *pro tempore* desde 2016⁵.

Nesse quadro específico, somam-se a todas as dificuldades e desafios da vida estudantil na UNILAB as variadas e estruturais desigualdades e opressões de gênero, decorrentes, na maioria das vezes, da simples condição de se ser mulher, negra e/ou lésbica, trans ou travesti. Em nossa sociedade e cultura patriarcal, diante de todas as injunções de violência e de morte – contra os corpos e os comportamentos dessas mulheres –, não lhes resta outra opção a não ser resistir, insurgir-se e lutar contra todas as recorrentes e sistêmicas formas de opressão, silenciamento e invisibilização.

5 Desde a ocupação e a greve estudantil em 2016, toda a situação de precarização da vida dos estudantes – na própria UNILAB e também no que concerne às condições de moradia, saúde, segurança, transporte, alimentação e lazer nos arredores das cidades de Redenção e Acarape – vem sendo mapeada, diagnosticada, reportada e denunciada formalmente às diversas pró-reitorias e à Reitoria da UNILAB, bem como a outros órgãos e instâncias oficiais. Os fóruns, as lideranças e as diversas representações estudantis têm estado unidos, organizados e mobilizados – contra todas as restrições e ameaças aos direitos dos discentes. Em resposta a essas demandas formais dos estudantes, a universidade teria, ainda no ano de 2016, criado o Observatório da Vida Estudantil (OBSERVE/UNILAB) – o qual, todavia, pouco ou nada de efetivo proporcionou, ou tem proporcionado, à comunidade discente; notadamente quanto à solução das ausências ou das insuficiências estruturais, da falta de equipamentos e, sobretudo, da inefetividade das políticas afirmativas e institucionais de atendimento às necessidades de permanência e de melhores condições de vida acadêmica e social dos estudantes (Fórum Estudantil da UNILAB, 2019).

Subalternizadas e desumanizadas pelo sistema-mundo do capital e da colonialidade, elas não de (re)inventar-se, de (a)firmar-se – política e esteticamente – na autodeterminação de suas subjetividades, de seus corpos, de suas vontades, dores, pensamentos e produções... no ativismo e na agência de suas livres e próprias manifestações, formulações, expressões de estilos e potencialidades – para além dos escolhos de quaisquer das hierarquias, ordens e/ou determinações hegemônicas dos homens.

Em meio e contra toda a conivência/indiferença desses homens – diante das violências de que têm sido sistematicamente alvo as mulheres em nossas sociedades patriarcais, sobretudo as mulheres não brancas –, as feministas do movimento estudantil da UNILAB igualmente se propõem a lutar: para que mais nenhuma de nós siga vitimada pela colonialidade do poder de gênero dentro ou fora da universidade.

Por meio das intervenções de nossos painéis pela universidade, de todas as nossas formas e expressões de *arte como ativismo feminista*, declaramo-nos – as estudantes negras, brasileiras e estrangeiras, lésbicas, travestis e transexuais da UNILAB – mulheres não submissas às ordens ou aos dispositivos de ingerência e dominação do patriarcado. Somos subversivas à colonialidade do sistema-mundo moderno – que, segundo Lugones (2008, p. 11), atribui às mulheres “um lugar essencial de desigualdade e desumanização, como condição de reprodução das formas de subjetivação e de controle do capital”.

Dos espaços de ocupação e do ativismo estudantil feminista na UNILAB ao cenário mais amplo do feminismo decolonial – igualmente interseccionado com as lutas por igualdade racial e de classe –, nossa arte também confere corpo, forma e presença às lutas e aos protestos de todas as mulheres marginalizadas: unidas contra as múltiplas injustiças e desigualdades estruturais de nossa sociedade – notadamente diante das atuais circunstâncias, sem freios, do golpe político machista, fascista, racista e ultraliberal, então, em curso para a destruição das minorias e da classe trabalhadora em nosso país.

De fato, a arte em paredes está historicamente ligada aos movimentos urbanos de resistência, de luta e de afirmação popular contra o capitalismo; como forma de expressão e de agenciamento específico – de grupos historicamente marginalizados e periféricos – contra os múltiplos sistemas de opressão, dos quais as minorias invariavelmente são alvo: tal como sucede às mulheres feministas da UNILAB. Nisso, seguimos a ideia de Bastianello (2015, p. 23), de que “as formas de arte em murais contribuem para as relações de diálogo, denúncia, contestação e reivindicação das pautas levantadas por lutas e manifestações sociais”.

A ocupação e a intervenção artística nos espaços públicos podem ser compreendidas, portanto, como agências de microrresistências diárias – de uma cultura política de transgressão às ordens de injustiças e desigualdades, bem como de inspiração e de impulso a novos devires éticos, estéticos, políticos e existenciais de liberdade. Em outras palavras, a arte em painéis e/ou murais pode ser encarada como uma forma de expressar sentimentos

e pensamentos de antiopressão; os quais informem a vida, a consciência e a ação dos grupos sociais – colados à margem da sociedade – para a reflexão de suas ideias e atitudes, diante das incongruências da própria realidade social.

Referimo-nos a uma arte que assume o papel de um ativismo, de uma agência específica de resistências e de lutas sociais e que igualmente ambiciona “problematizar a indiferença que os sujeitos endossam, em seu cotidiano, ante as violências em série do estado, do patriarcado branco, do poderio econômico e dos homens mesmos contra as mulheres e as demais minorias sociais” (Lugones, 2008, p. 17).

Sabemos do abismo elitista que existe entre a academia e a comunidade, de toda a reprodução técnica, burocrata e institucional que separa esses dois mundos – os quais não deveriam estar distantes, mas sim em constante diálogo: com vistas à democratização do acesso ao conhecimento e às oportunidades. No que corresponde à premissa da humanização e da diminuição das desigualdades e injustiças sociais – sob a perspectiva da cooperação internacional Sul-Sul e da interiorização do Ensino Superior público –, não aceitamos, contudo, que a UNILAB seja apenas mais uma instituição... ela não pode seguir reproduzindo em nossos países os interesses, os campos simbólicos e de poder do patriarcado branco, do capitalismo e da colonialidade.

Acreditamos que as mulheres negras, quilombolas, indígenas, da periferia, lésbicas, trans, travestis, do Maciço de Baturité e dos diversos PALOPs são verdadeira e corajosamente a face mais legítima da UNILAB. São seus corpos, suas ideias, sua arte, seus saberes, suas memórias, seus comportamentos e suas experiências vitais o palimpsesto sobre o qual, mesmo em meio à nossa pobreza, são inscritas as novas epistemologias do Sul.

No itinerário crítico-reflexivo, da *uni à pluriversidade* – como assinalado por Boaventura de Sousa Santos (2005) –, essas *novas epistemologias* de saberes (doravante anti-hegemônicos), de políticas horizontalizadas e de outras práticas heterárquicas não de decisivamente desarticular, *em nós* (presentes), todas as velhas opressões de gênero, de raça e de classe, sob as quais segue nos desumanizando o sistema-mundo moderno.

Na *pluriversidade* é que se efetivará, portanto, a superação das ordens e das ingerências ocidentais – hierárquicas e hegemônicas de cátedra –, entabuladas nas diferenças de repetições uniduais, nas práticas e nas regras dos jogos de autoria e de autoridade... em todos os racismos, em todos os classismos e em todos os machismos: que têm informado a gravidade e a indiferença generalizada dos processos e das instituições acadêmicas.

Dos monumentos das ciências – que, em seus sistemas e mecanismos, enfeixam, classificam, essencializam e discriminam a humanidade em (pré)conceitos *contra a humanidade* – se descerá, então, à terra preta, ao útero da ancestralidade, à encruzilhada intercultural *dos nós*, aos fluxos menstruais de outras origens e destinações possíveis, à comunidade complexa dos saberes e das tradições populares com o chão, com a natureza e com os mundos diversos, que se interseccionam nos muitos feminismos... para além de todas as ordens mesquinhas dos homens.

Naquilo a que esse ativismo *feminista, vital, antirracista e ecológico* converge é que acreditamos ter as reais oportunidades de valorizar horizontalmente o que de melhor somos e sabemos fazer... e conferir (a nós mesmas) a demonstração de todas as múltiplas formas e expressões de saberes artísticos, políticos, comunitários, culturais e filosóficos... dentro e fora dos espaços da *uni pluriversidade da integração África-Brasil* – no insólito e promissor território do Maciço de Baturité.

Construindo o próprio lar: entre a teoria e a prática

Para realizar nossos dois maiores painéis artísticos na UNILAB, também tivemos como inspiração teórica a concepção de *educação popular* – conforme proposta por Paulo Freire (1999). De acordo com essa ideia, os processos educacionais devem ser construídos, percebidos e vivenciados levando primordialmente em conta a necessidade de tornar real a prática *daquilo que já se sabe e/ou de que já se tem consciência* – mediante diversas experiências vitais e comunitárias de liberdade (Freire, 1999, p. 25).

A ideia central dessa *educação popular* é, pois, a de associar-se à prática educativa a vivência política dos próprios agentes populares. Sob essa perspectiva, educar seria, ao mesmo tempo, participar de modo consciente e crítico dos processos de aprendizagem e transformação social – para o enfrentamento das injustiças e a superação das desigualdades. Foi algo nesse sentido que nos propusemos a realizar com nossas pinturas murais.

No que toca à composição feminista de nossos temas, tivemos igualmente como inspiração as contribuições da educadora e intelectual feminista negra Bell Hooks (2013, 2015) – que intersecciona, desde a juventude, a produção de sua escrita com as suas experiências pessoais de luta e resistência contra o machismo e o racismo. A perspectiva da escritora norte-americana também é a de sempre unira teoria à prática, encontrando na *pedagogia vivida* a missão de agir sobre a transformação da realidade social (Hooks, 2015).

As nossas intervenções artísticas assumiram, assim, um objetivo comum – de transformar as mentes e (re)ocupar/ressignificar os espaços da instituição: por meio da arte mural e do ativismo feminista, em valorização da diversidade cultural, sexual, de gênero e etnicorracial, assim como das trajetórias e vivências de lutas de todas as mulheres que compõem a UNILAB. Afinal, são todas elas, juntas – estudantes, servidoras, técnicas e/ou docentes – que enredam a resistência contra as opressões e as explorações dos muitos machismos e racismos, além das demais violências físicas e simbólicas, que atravessam e estruturam o cotidiano de nossas sociedades.

A proximidade da conclusão da Licenciatura em Sociologia, em 2018, trouxe a necessidade de prosseguir com nossa produção artística – diante das ressonâncias políticas e das disposições curriculares do curso: sempre em crítica à reprodução dos expedientes e dispositivos de violências, injustiças e desigualdades em nossas sociedades. Assim, recorreremos – novamente – à elaboração da arte em murais, dessa feita sob a forma de TCC.

A formulação teórica específica dessa nova produção artística no espaço da UNILAB, assumida igualmente como intervenção política, buscou – especificamente para a fundamentação da parte escrita do trabalho – algumas considerações da *sociologia da arte*. Segundo o sociólogo paranaense Luís Afonso Salturi (2015, p. 226), a sociologia da arte tem como principal objetivo “estudar os processos artísticos totais e as suas interações e interdependências entre o artista e o público – notadamente a partir do ponto de vista de sua significação política e social”.

No que concerne à arte urbana em muros, o *muralismo*, seu surgimento se dá justamente como movimento estético-político no México, no início do século XX – sob a influência de intelectuais e pintores que alimentavam o desejo de transformar a realidade social do país após a Revolução Mexicana (1910-1924) (Vasconcelos, 2005, p. 284). Entendemos, na evocação desse nascedouro, a *própria manifestação artística em muros* como uma genuína forma de intervenção política e estética – de críticas e de possibilidades, mas também de apropriação e de ocupação dos espaços: contra a subalternização de vidas, a violação de seus sonhos e de seus corpos (Silva, 2010).

Trata-se, portanto, de um movimento, de uma interação que vai além das próprias experiências – estéticas, corporais – vividas pelo artista em seu cotidiano, desbordando suas tensões – por meio da arte – contra as violências e as ameaças que o circundam. Segundo a urbanista Paola Jacques (2008), as relações entre os corpos, sua política e a cidade (que, neste estudo, pode ser entendida como o espaço público/coletivo, institucional ou não) podem ser evidenciadas – por meio do muralismo – como caminhos alternativos, de desvios do *mainstream* e de fugas ou devires de resistência (Jacques, 2008).

Figura 2 Painel “Eu Sou Meu Próprio Lar” (2018)



Fonte: Elaborada pelos autores.

Como se vê, esse novo painel (Figura 2) – tal como o primeiro – é uma representação da diversidade das mulheres na UNILAB. Em sua dimensão total de 2,25 m x 4,13 m foram retratadas, respectivamente, uma mulher afro-brasileira, uma mulher negra africana e uma mulher indígena, com a abertura da seguinte frase – de empoderamento e de autoinscrição feminista:

Eu sou meu próprio lar.

Escolhemos essa mensagem, com signos linguísticos, porque expressa bem a necessidade de acolhimento, fortalecimento e autoafirmação dessas mulheres: em apoio umas às outras, diante das intrínsecas dificuldades que diuturnamente têm de enfrentar – pelo simples fato de serem mulheres advindas das periferias do capital, por ousarem lutar por igualdade de direitos e de condições em um *mundo de regras e privilégios dos homens*.

A despeito de todos os tipos de violência, abuso e opressão patriarcal – de nossa sociedade machista, racista e elitista –, cabe toda a luta pela posse das vidas, dos corpos e das liberdades das mulheres e das demais minorias sexuais. Trata-se, por isso, de uma chamada de encorajamento: em resistência às sistemáticas investidas e alienações que – estruturalmente – seguem relegando essas mulheres e minorias sexuais às posições e às identidades de subalternidade, inferioridade e isolamento diante do senhorio dos homens brancos.

Essa mensagem, no entanto, não é de nossa autoria. Ela faz parte da letra de uma canção, composta e cantada pelo grupo brasileiro Francisco, El Hombre. Trata-se de “Triste, Louca ou Má” (Francisco, El Hombre, 2016), do álbum *Soltasbruxa*: em alusão a uma expressão – correspondente à tradução livre de *sad, mad or bad* – que comumente se refere, de modo machista e depreciativo às mulheres norte-americanas que não se casaram ou que optaram por ficar solteiras⁶.

6 Francisco, El Hombre é uma banda brasileira de variados ritmos e estilos musicais (latinos, mexicanos e brasileiros), formada em 2013 pelos irmãos mexicanos, naturalizados brasileiros, Sebastián e Mateo Piracés-Ugarte, aos quais se juntou, naquele mesmo ano, a compositora, vocalista e percussionista Juliana Strassacapa. Depois dela, outros dois músicos se juntaram ao grupo – perfazendo a formação do atual quinteto. Francisco, El Hombre foi indicada ao Grammy Latino em 2017, concorrendo ao prêmio de melhor canção em língua portuguesa, justamente com a composição “Triste, Louca ou Má” (Francisco, El Hombre, 2016). A canção aborda, precisamente, os estigmas da solidão de mulheres negras, lésbicas, gordas, consideradas velhas e a necessidade de seu empoderamento – além de criticar a cultura de submissão dessas mulheres, de todas as mulheres, de cada uma delas, ao homem – imposta pela sociedade burguesa patriarcal ao longo dos tempos. A vocalista da banda, Juliana Strassacapa, explica de onde surgiu a inspiração para compor a canção: “eu canalizei algumas coisas que estavam dentro de mim, e o feminismo sempre fez parte da minha vida, mesmo quando eu não sabia direito o que era” (Francisco, El Hombre, 2019). Ela conta que tudo começou após ter lido um texto na internet – cuja referência não cita – sobre como as mulheres norte-americanas eram taxadas de *loucas, tristes ou más*, por preferirem ficar sozinhas ou por não terem se casado. “Eu não entendo por que as coisas são tão padronizadas, por que tem um determinado modo de comportamento dentro das relações humanas. [...] Eu escrevi essa letra na minha casa, pensando na relação dos meus pais, nas relações que eu observo à minha volta” (Francisco, El Hombre, 2019).

A letra de *Triste, Louca ou Má* seria, assim, uma referência à acusação e/ou à condenação infligida a todas as mulheres que rejeitam ou que não conseguem ser *nem belas nem recatadas nem do lar*. Mulheres que rejeitam a *receita cultural do marido, da família e do cuidado da rotina*. A essas mulheres *fora dos padrões patriarcais*, a vocalista Juliana Strassacapa canta:

[...] um homem não te define, tua casa não te define, tua carne não te define, *você é o seu próprio lar* (Francisco, *El Hombre*, 2016, grifo nosso).

Com ênfase, a mulher que decide fazer a sua própria história, ser a única dona de seu corpo e assumir-se como a sua própria porta-voz é tida, via de regra, como *infeliz, maluca ou mal-intencionada*. Essa letra se encaixou bem na proposta da intervenção artística aqui relatada, por isso a escolhemos como tema para a pintura: como modo de transgredir as ordens machistas que nos são impostas, desrespeitando a individualidade, a diversidade e a liberdade femininas – e que ferem a sororidade, a solidão e a própria existência das mulheres e das demais minorias sexuais.

Como dito, a escolha por retratar a diversidade das mulheres da UNILAB se dá – e sempre se dará – pelo fato de nosso quadro de estudantes e servidoras ser, ao mesmo tempo, bastante plural e singular: são muitas as suas cores, tradições, culturas, saberes, etnias, identidades e sexualidades. Somos mulheres timorenses, cabo-verdianas, santomenses, angolanas, moçambicanas, brasileiras, cearenses, guineenses... todas as nossas diversidades de experiências, identidades, culturas e etnias nos fazem, entre diferenças e afinidades, presentes no mesmo espaço de integração da UNILAB.

Somos, portanto, mulheres interioranas, nacionais e internacionais, negras, *fidjas di bidera*, africanas, afro-brasileiras, indígenas e quilombolas. Somos mulheres cisgênero, transgênero, transexuais, travestis, *queers* e não binárias. Somos mulheres heterossexuais, bissexuais, lésbicas, assexuais, pansexuais e muito mais... somos todas mulheres extraordinárias.

Somos *arretadas*, somos unilabianas, somos demais!

Por isso, a nós, aos nossos muitos interesses, toda a visibilidade, todo o respeito, todo o valor e toda a liberdade!

Nas diversas áreas de atuação, nas múltiplas linhas de pensamento e agência política, nas diferentes formas e expressões de artes e humanidades somos, por último, *nós, o nosso próprio lar!*

Considerações finais

A partir da pintura do mural “Eu sou meu próprio lar” foi gerado, no pátio do *campus* da Liberdade, um novo espaço para a socialização das lutas das mulheres – por mais igualdade de gênero, por mais respeito e valorização de suas vidas, de seus corpos, de suas presenças, de suas ideias e sentimentos no convívio institucional. Esse novo espaço, sobre o qual se exerceu a nossa intervenção estético-política – de visibilidade à diversidade feminina na UNILAB –, é ora ressignificado pelo olhar de cada pessoa acerca da obra, fazendo com que ela se torne igualmente um instrumento de conscientização, reflexão e conhecimento.

Durante todo o processo de construção de nossa arte, pudemos perceber que – mediante a elaboração das intervenções – as meninas brasileiras e estrangeiras que passavam, quase sempre, paravam para nos ver, cumprimentar e registrar em fotos aquele momento. As mulheres que trabalham na limpeza também paravam para nos ver e dar parabéns. Muitas diziam identificar-se com aquela pintura e sentiam-se – ainda mais – orgulhosas pelo fato de ter sido feita por uma das estudantes da instituição.

Um dia, algumas meninas, de diversas nacionalidades, sentaram-se em volta do mural enquanto estávamos pintando, e ali permaneceram – para nos ajudar em tudo o que se mostrasse necessário. Depois, alguns rapazes também se aproximaram e registraram em fotos o momento da pintura – algo que nos deixou bastante contentes, com a certeza de que os homens também precisam ser educados para a igualdade de gênero, tanto quanto para a valorização das lutas feministas.

Na verdade, nossos dois painéis feministas mostram – em síntese – que é possível empregar a arte como recurso pedagógico e como expressão estética e política, de promoção de resistências e lutas – por um mundo menos machista, menos violento e potencialmente menos ofensivo às mulheres, às suas vidas, aos seus corpos, à sua liberdade e aos seus direitos. É preciso considerar, então, as diversas expressões artísticas e culturais feministas, não apenas como formas de protesto e/ou de conhecimento, mas também de promoção e de efetivação dos direitos à diversidade, à autodeterminação, à liberdade e à dignidade humanas.

Na perspectiva da luta pela igualdade de gênero, e contra todas as seculares opressões do patriarcado, é que frisamos – enfim – a importância de se valorizar e de se fortalecer politicamente as expressões artísticas feministas – em suas lutas e resistências por mais justiça e igualdade social. Isso sem que se deixe de compreender essa produção de arte como engajamento social entre a/o artista e a sua obra, entre a sua obra e os diversos interlocutores sociais e entre estes e a/o artista: como forma igualmente política e estética de aprendizado e de construção da cidadania e do desenvolvimento humano – contrários a todas as formas de dominação histórica dos homens sobre as mulheres.

Referências bibliográficas

Bastianello, T. A. B. (2015). *Grafismos urbanos: mensagens políticas em grafites e pichações na região central de Porto Alegre* (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Fórum Estudantil da UNILAB. (2019). Recuperado de <http://www.findglocal.com/BR/Reden%C3%A7%C3%A3o/1426616614264169/F%C3%B3rum-Estudantil-da-Unilab>

Francisco, El Hombre. (2016). *Triste, Louca ou Má* (Arquivo de Vídeo). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>

Francisco, El Hombre. (2019). Recuperado de <https://www.franciscoelhombre.org/>

Freire, P. (1999). *Educação como prática da liberdade* (23a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Hooks, B. (2015). Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16(1), 193-210.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. (2016). *Perfil regional do Maciço de Baturité*. Recuperado de http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/2016/Perfil_Regional_Macico_Baturite2016.pdf

Jacques, P. B. (2008, fevereiro). *Corpografias urbanas*. Recuperado de <http://www.vitruvius.com.br/revistas/repluriverad/arquitextos/08.093/165>

Lei n. 12.289, de 20 de julho de 2010. (2010). Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e dá outras providências. Brasília, DF.

Lugones, M. (2008). *Género y descolonialidad* (Colección El Desprendimiento). Buenos Aires, Argentina: Ed. Del Signo.

O Portal de Notícias da Globo. (2016). *Aluna estrangeira denuncia colega por estupro no Ceará*. Recuperado de <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/aluna-estrangeira-denuncia-colega-de-universidade-por-estupro-no-ceara.html>

O Portal de Notícias da Globo. (2017). *Estudante atingida por três tiros em universidade do Ceará deixa UTI e segue em recuperação no IJF*. Recuperado de <https://g1.globo.com/ceara/noticia/estudante-atingida-por-tres-tiros-em-universidade-do-ceara-deixa-uti-e-segue-em-recuperacao-no-ijf.ghml>

Portal São Francisco. (2019). *Recôncavo Baiano*. Recuperado de <https://www.portalsaofrancisco.com.br/geografia/reconcavo-baiano>

Portal Vermelho. (2019, 15 de fevereiro). *Dandara dos Santos recebe homenagem nos dois anos de sua morte*. Recuperado de <http://www.vermelho.org.br/noticia/318661-1>

Salturi, L. A. (2015). A sociologia da arte, principais abordagens teóricas e metodológicas. *Revista Eletrônica de Investigação Filosófica, Científica e Tecnológica*, 1(3), 224-236.

Silva, E. L. (2010). *A gente chega e se apropria do espaço! Grafite e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre* (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sousa Santos, B. (2005). *Universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. Recuperado de <https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>

Sousa Santos, B. (2008) *Conocer desde el Sur: para una cultura política emancipatoria*. La Paz, Bolívia: Plural Ed.

Vasconcelos, C. M. (2005). As representações das lutas de independência no México na ótica do muralismo: Diego Rivera e Juan O’Gorman. *Revista de História da USP*, 1(152), 283-304.

Para citar este artigo:

Norma A – ABNT

MOREIRA, S. P.; PEREIRA, F. V. M. Arte, gênero, movimento estudantil: experiências com ocupação e pintura de murais. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 9, n. 23, p. 180-197, 2019.

Norma B – APA

Moreira, S. P., & Pereira, F. V. M. (2019). Arte, gênero, movimento estudantil: experiências com ocupação e pintura de murais. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 9(23), 180-197.

Norma C – Vancouver

Moreira SP, Pereira FVM. Arte, gênero, movimento estudantil: experiências com ocupação e pintura de murais. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2019 [cited Ago 1, 2019];9(23): 180-197. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1122>